



Os chineses trabalharam na Europa nas fábricas de munições e na reparação dos blindados. Muitos morreram já depois do Armistício de 11 de novembro de 1918 a limpar os campos de batalha



China não combateu na Grande Guerra mas a Flandres está cheia de cemitérios chineses

Livro. Já o armistício fora assinado e as armas se tinham calado e os trabalhadores chineses continuavam a morrer na Europa, pois cabia-lhes limpar os campos de batalha. É essa história que Luís Cunha conta em *China na Grande Guerra*

LEONÍDIO PAULO FERREIRA

É de acreditar que o assassinio do arquiduque Francisco Fernando, em Sarajevo, no início do verão de 1914, não tenha chegado aos ouvidos dos 140 mil trabalhadores chineses que tempos depois vieram para a Europa ajudar a produzir munições durante a Grande Guerra. Afinal, a Bósnia ficava longe e a morte do herdeiro do Império Austro-Húngaro um assunto de escassa importância para a jovem república chinesa, ameaçada pela guerra civil. Talvez em Shandong, possessão alemã a sudeste de Pequim, fosse um pouco diferente, até porque não tardou a que o Japão, ao lado da Entente, ali atacasse os germânicos, aliados dos austríacos, ajudando a que um tiro disparado nos Balcãs se tornasse a Primeira Guerra Mundial. É do papel da China nesse conflito que fala este livro de Luís Cunha, investigador do Instituto do Oriente (ISCSP/UL).

Intitulado *China na Grande Guerra*, o estudo mostra como o gigante asiático, apesar de ter estado ao lado da Grã-Bretanha e da França contra as potências centrais, foi maltratado na Conferência de Versalhes, onde o Japão recebeu todas as atenções dos líderes ocidentais.

Foi preciso esperar até 1917 para a China declarar guerra à Alemanha, mas era uma neutralidade cooperante com a Entente aquela

que os líderes republicanos tinham adotado desde o primeiro momento. Tanto os britânicos como os franceses, com falta de mão-de-obra por causa dos milhões de homens enviados para a frente, recrutaram logo trabalhadores chineses. Mas se eram úteis, e tiveram um papel digno no esforço de guerra, mesmo assim esses trabalhadores chineses, chamados de *coolies*, não deixaram de sofrer humilhações, como, depois de atravessar o Pacífico, terem de cruzar o Canadá em vagões fechados a caminho da costa atlântica. Era uma época marcada pelo fantasma do perigo amarelo, que levava até os Estados Unidos a excluir a imigração chinesa. Mesmo já na Europa, o racismo mantinha-se, apesar de ser menos notório da parte dos franceses.

Sobre essa atitude racista em relação a quem vinha ajudar na guerra, fossem trabalhadores chineses ou tropas indianas, Luís Cunha comenta ao DN: "Por via da guerra, a população europeia teve um contacto de proximidade com quatro milhões de homens de diversas ra-

ças, oriundos de todos os cantos dos impérios coloniais. Foi um verdadeiro choque cultural. A força expedicionária chinesa era um caso singular. Os franceses, mais humanistas, proporcionaram condições aceitáveis e tratamento mais afável. Os britânicos, seguindo a tradição imperial, reservaram um tratamento áspero — desumano por vezes — aos chineses. Mas seriam os americanos a destacarem-se nos maus-tratos aos trabalhadores chineses, cedidos pelos franceses. O sociólogo Max Weber acusaria os Aliados de recorrerem a 'bárbaros de todo o mundo' para destruir a Alemanha."

Odiados pelos alemães, que os viam ao serviço do inimigo, e discriminados pelos países da Entente, como esses Estados Unidos que também só em 1917 entraram no conflito mas logo contaram com os trabalhadores asiáticos, os chineses mantiveram-se nas fábricas de munições e na reparação de canhões. Até que ponto fizeram diferença no rumo da guerra diverge de historiador para historiador. "Os cerca de 140 mil chineses enviados para a Europa prestaram apoio junto à linha da frente, mas também na retaguarda, nomeadamente nas fábricas de munições e outras indústrias. Estiveram envolvidos na reparação e manutenção de carros blindados, uma tecnologia militar pioneira à época. As qualidades destes trabalhadores foram elogiadas pelos exércitos aliados. Muitas vezes

eram-lhes destinadas as tarefas mais perigosas. No final do conflito ficaram responsáveis pela limpeza dos campos de batalha, daí resultando muitas fatalidades. A contribuição chinesa para o esforço de guerra foi importante mas não decisiva, pois a China acabaria por não ter participação militar na Grande Guerra", esclarece Luís Cunha.

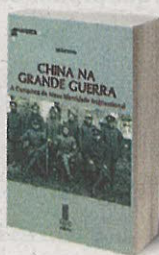
Injustiça em Versalhes

Em Versalhes, em 1919, quando a Europa já estava em paz mas havia ainda chineses a ser sepultados na Flandres, os líderes ocidentais preferiram agradecer o esforço de guerra japonês, que pouco mais foi do que a conquista de Shandong e o envio de uma frota para o Mediterrâneo para ajudar à proteção dos navios da Entente. Já a China, que de facto não chegou a envolver tropas, foi menosprezada, apesar do desempenho brilhante de diplomatas como Wellington Koo, formado na América e que teria uma carreira brilhante ao serviço da República da China, sendo um dos fundadores da SDN e mais tarde da ONU.

Como nota Luís Cunha no seu estudo, o tratamento minimalista dado à China pode ser resumido em dois pontos: ficou sem Shandong, recebeu de volta dos alemães os objetos astronómicos que estes décadas antes tinham levado da Pequim Imperial após participarem na repressão da revolta dos Boxers, uma das muitas contra os estrangeiros.

Episódio passado há um século, esta experiência chinesa na Grande Guerra não deixa de ter leitura política atual. Apesar de derrubada a dinastia Qing, a China continuava a ser vista como nação fraca, que os europeus podiam controlar, como faziam os britânicos em Hong Kong. Por outro lado, o Japão era tratado com temor, num esforço de apaziguamento que resultou mal, pois os nipónicos acabariam por ocupar a China, invadir a Ásia Oriental e entrar ao lado dos alemães na Segunda Guerra Mundial.

"O envolvimento na Grande Guerra foi extremamente relevante para a construção identitária da China moderna. Daí resultou a participação nas conversações de paz em Versalhes, no que foi uma importante vitória diplomática, só ensombrada pelo desfecho desfavorável na questão da província de Shandong, ocupada pelos japoneses. A China Popular nunca valorizou esse período histórico, embora radique aí o nascimento do movimento 4 de Maio, que conduziu à fundação do Partido Comunista Chinês. Atualmente, assiste-se a um *volte-face*; por razões instrumentais, interessa ao PCC a recuperação dessa memória histórica nacionalista. A China quer valorizar a ajuda que prestou à Europa", diz Luís Cunha, que é doutorado em Relações Internacionais e que tem como anterior livro *A Hora do Dragão — Política Externa da China*.



China na Grande Guerra
Luís Cunha
Instituto Internacional de Macau